



**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**  
**PROF. ORIENTADORA: LEONICE APARECIDA PEREIRA MOURAD**

A CONFECÇÃO DE *FANZINES* COMO RECURSO DIDÁTICO NO  
ENSINO DE SOCIOLOGIA PARA O ENSINO MÉDIO

Juliana Severino de Borba

Santa Maria, dezembro de 2015.

## INTRODUÇÃO

Os fanzines ou zines, se apresentaram para mim no final da década de 1990. Estas revistas artesanais proporcionaram aos adolescentes da época divulgarem suas ideias a cerca da política e cultura do Brasil deste período, transformando-se em grandes aliadas para os movimentos contraculturais e sindicalistas. Foi uma época de grandes discussões sobre políticas de privatização e reforma agrária. Certamente os adolescentes se valeram dos fanzines na construção de ideais e participação política.

Esta experiência reforça o objetivo deste trabalho de oportunizar aos alunos do Ensino Médio a reflexão acerca dos conteúdos ministrados em sala de aula na disciplina de Sociologia a partir da confecção de revistas artesanais – *fanzines*. Tendo em vista a escassez de material didático, específico na área das Ciências Sociais, com os fanzines, os alunos serão os próprios agentes da construção de conteúdos, a partir de teorias preconizadas pelo professor/supervisor, abrindo um espaço normamente reduzido para o diálogo e atuação cidadã.

Os *fanzines* se apresentam como forma de experimentação de arte e conteúdo, de cidadania, ativismo político e ideológico que muitas vezes não é oportunizado aos alunos pelos conteúdos prontos e sistematizados nos currículos escolares do ensino médio. Esta troca de saberes entre professor e alunos busca a construção do conhecimento a partir da reflexão sobre as teorias Sociológicas que serão readaptadas através de colagens, fragmentos de texto, desenhos, poesia, etc, nas revistas criadas e confeccionadas pelos alunos, buscando desta forma, transcender o senso comum e a simples reprodução de conteúdos.

## **A história da Sociologia como disciplina no Ensino Médio do Brasil**

A Sociologia enquanto disciplina autônoma, tem-se confrontado ao longo do século XX com as dificuldades de manter-se permanentemente nos currículos de Ensino Médio.

Em 1925 a disciplina foi efetivamente introduzida nas escolas, com a reforma Rocha Vaz e em 1928 foi implantada nas escolas normais. A Sociologia vinha de certa forma consolidando-se. Durante o período de 1931-1942, a partir da reforma Francisco Campos a Sociologia foi ministrada sem sofrer interrupções. Entretanto, sobre flagrante derrota em 1942, com a reforma Capanema que retirou a obrigatoriedade do ensino da Sociologia na escola secundária. (PEREIRA, 2013.p.14)

Na década de 1950 Florestan Fernandes atentava para a importância do ensino da Sociologia na escola secundária brasileira, argumentando que o Brasil passava por um período de grandes mudanças sociais. O ensino de Sociologia dentro deste contexto, teria como finalidade a formação de uma nova atitude cívica e política. Neste período foram elaborados os primeiros manuais de Sociologia da escola secundária. (PEREIRA, 2013.p.15).

Com o golpe militar em 1964, a Sociologia foi banida dos currículos escolares, mantendo-se apenas no magistério. Com a reforma de ensino oficializada pela Lei de Diretrizes e Bases 5.692/71 que pretendia uma escola voltada para a profissionalização, a Sociologia foi substituída pelo ensino de Educação Moral e Cívica-EMC e Organização Social e Política Brasileira-OSPB, que fortaleciam a imagem da ditadura militar. (PEREIRA, 2013. p.15).

No início da década de 1980 a ditadura militar começa a ruir e o Brasil passa por um processo de abertura política, o que possibilitou, em 1982 a constituição de uma nova Lei de Diretrizes e Bases: a Lei 7.044/82, onde a disciplina de Sociologia volta a fazer parte dos currículos das escolas de segundo grau, preconizando a construção da cidadania no novo período político que iniciava-se. Entretanto, mesmo após a nova LDB, a implantação da Sociologia nos currículos básicos de segundo grau acabou por não efetivar-se na prática.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB de 1996 propunha que “ao final do Ensino Médio os educandos saíssem com conhecimento em

Filosofia e Sociologia”. Em 1998 a Resolução CEB 03/1998 coloca a Sociologia e a Filosofia como disciplinas secundárias e menos importantes dentro do currículo:

A Resolução acima citada causou uma grande insatisfação entre os sociólogos, pois em relação à Sociologia, assim como a Filosofia, Educação Física e Artes, foram julgadas como saberes que poderiam ter tratamento interdisciplinar (MEC/CNE/CEB, Resolução CEN n° 3/98, Art. 10. III – Ciências Humanas e suas Tecnologias, §2°). Ora, tratamento interdisciplinar significou que não seriam criadas as disciplinas, muito menos com caráter de obrigatoriedade. No caso da Sociologia, por exemplo, os conteúdos dessa disciplina seriam tratados de forma interdisciplinar, transversal às disciplinas obrigatórias. (PEREIRA, 2013. P.17)

Os sociólogos brasileiros tem como pauta dos grandes encontros nacionais de Sociologia, a existência e permanência da Sociologia como disciplina obrigatória do ensino médio. Em 2001 o projeto de obrigatoriedade da disciplina foi aprovado no Senado, porém, o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, vetou o projeto, com o argumento de que não havia professores suficientes para ministrar a disciplina nas escolas e a contratação dos mesmos oneraria os cofres públicos. Mesmo sendo sociólogo, Fernando Henrique Cardoso não deu a devida importância para a disciplina de Sociologia.

Apenas em 2008, através de uma alteração realizada no Artigo 36 da Lei nº 9.394, a Sociologia e a Filosofia passaram a fazer parte dos currículos de ensino médio como disciplinas obrigatórias nos três anos do curso, porém sete anos após a alteração da Lei nº 9.394 a Sociologia ainda sofre resistência para consolidar-se como disciplina autônoma dentro das escolas de ensino médio do Brasil. A carência de professores com formação na área de Ciências Sociais e a falta de materiais didáticos são os grandes enfrentamentos do cotidiano escolar.

Muitos professores com formação em outras áreas de Ciências Humanas ministram hoje as aulas de Sociologia na maioria das escolas de ensino médio. Os livros didáticos que contemplam a Sociologia ainda não possuem uma tradição consolidada como se dá com as disciplinas de português e matemática, por exemplo.

Apesar de ser um grande aliado do professor, o livro didático não pode ser a única fonte de conteúdos. O professor deve dar conta dos conteúdos de Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas ao longo dos três anos do ensino médio, como sujere

as Orientações Curriculares para o ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias:

A Sociologia, como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo desta ciência, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, “tribo”, país, etc. (P. 105).

Neste sentido faz-se necessário pensar a importância de materiais didáticos que possam contemplar os conteúdos obrigatórios da Sociologia de forma eficaz tanto para professores quanto para os educandos do Ensino Médio, trabalho que desafia professores recém formados bem como aqueles que já estão inseridos a mais tempo dentro do sistema escolar.

Pensar novas metodologias didáticas para o ensino de Sociologia também traz a tona questões sobre o momento em que vivemos, as mudanças ocorridas na própria sociedade, que podem e devem ser refletidas dentro da escola, principalmente quando trata-se do ensino de adolescentes.

### **A confecção de Fanzines como recurso didático no ensino de Sociologia**

A palavra *Zine* é a abreviação de *magazine* (revista em inglês). O *Fanzine* ou *Zine* é uma manifestação midiática de tema livre, em forma de revistas confeccionadas artesanalmente. Estas revistas são feitas com desenhos, colagens e textos digitados ou escritos a mão. Possuem tiragem pequena e de fácil circulação, principalmente entre os jovens.

No Brasil o zine surgiu na década de 1980 principalmente entre os grupos punks e anarquistas, que não possuíam espaço na mídia formal da época. Ao longo dos anos, as pequenas revistas vem sendo utilizadas como forma de veiculação de ideias nas mais diversas áreas sociais, como arte, poesia, política, etc.

O reflexo da globalização tem se apresentado diante de alunos e professores, impondo à educação “atores aptos” à manutenção do mercado; desse modo a pós-modernidade busca dar conta dos novos desafios que permeiam o processo de ensino.

Para tanto, é importante destacar que uma educação desvinculada do cotidiano do aluno torna-se obsoleta e dispensável, visto que não leva em consideração a experiências dos envolvidos nesse processo.

O sistema escolar vem sendo desafiado diariamente a encontrar novas maneiras de educar muito além das formas tradicionais de transmissão de conteúdos, contudo, tem esbarrado nas dificuldades de inserir na práxis uma forma de estabelecer correspondência entre as diversas culturas que transitam pela escola e o conteúdo programático dos currículos.

A vivência cotidiana da docência em escolas públicas e de periferia nos apresenta uma realidade totalmente oposta daquela exibida em *outdoors*, bem longe dos smartphones e notebooks modernos e muitas vezes com acesso precário ou inexistente à internet transformando a metanarrativa da digitalização e virtualização de dados em uma lenda. Dentro deste contexto se faz necessário pensar em conteúdos e principalmente em metodologia que possam alcançar todos os alunos/cidadãos e que seja independente de mídias digitais.

Larrosa (2011) considera que, especialmente, para se pensar na educação a relação com a experiência não pode ser entendida como algo banalizado, mas singular que forma e transforma que atravessa e dá sentido ao experienciado, e para isso é preciso que o sujeito fique exposto e se desacomode saindo de seu espaço e ocupando um outro lugar. A experiência é significativa para o aluno quando ele se permite envolver na aprendizagem, pois não se trata de receber o ensino e de apreendê-lo, mas sim de experimentá-lo.

Quem cria um fanzine quer sempre atuar, estabelecer relações e diálogos a partir de universos artísticos específicos, cujo espaço de divulgação na mídia tradicional é restrito. Na construção dos fanzines, professores de diversas áreas podem estabelecer um diálogo fazendo emergir a interdisciplinaridade, pensando o cotidiano dos alunos mesclado aos conceitos científicos dando sentido ao fazer escolar, e contemplando a escola como espaço multicultural formador de cidadãos conscientes.

Além das aprendizagens tradicionais, é função da escola levar os alunos a analisarem criticamente as informações e suas mídias. Para isso o currículo escolar deve perseguir um pensamento crítico e a construção de

sujeitos autônomos de modo que os alunos sejam capazes de estabelecer conexões e conjecturas, perceber evidências, separar ficção da realidade e identificar estratégias de manipulação da sociedade contemporânea, em seu estímulo à exacerbação do consumismo. Tudo isso exige uma informações, análises, conhecimentos e metodologias adequadas que levem o aluno a ter uma visão de totalidade sobre os fenômenos sociais estudados. (BRIDI; ARAÚJO, MOTIM, 2010. P.91)

Quem produz um fanzine quer criar vias, meios de apropriar-se e de dialogar com manifestações sem espaço de circulação. Por meio das publicações independentes, o “zineiro” conhece, aprecia, apreende e faz parte de diferentes manifestações criando um diálogo que anteriormente não existia. Portanto, ensinar a ler e a produzir fanzines é permitir que os alunos tenham voz no contexto de ensino/aprendizado a partir do seu próprio universo cultural. A partir da produção de um fanzine, o aluno pode escolher sobre o assunto que ele quer estudar, ler e produzir. Fato que faz dele uma forma particular de aprendizado, gerando um ambiente propício a expressões culturais e ideológicas variadas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo promover o encontro entre a teoria trabalhada nas aulas de Ciências Sociais e o cotidiano dos adolescentes através da confecção dos *Zines* fazendo com que os alunos assimilem e compreendam os conteúdos de uma forma divertida e também reflexiva, levando em consideração que os temas trabalhados nos *Zines* estarão diretamente ligados aos seus cotidianos.

### **Relato da Experiência**

Realizei a atividade que compõe este trabalho na E.E.E. Médio Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco, situada na Rua Capitão Vasco da Cunha, 1390- Bairro Boi Morto- Santa Maria – RS.

A escola está completando 70 anos em atividade e atende aproximadamente 800 alunos por ano, matriculados no Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA (anos finais do Ensino Fundamental) nos três turnos (manhã, tarde e noite).

A escola possui refeitório, biblioteca com quantidade de livros em torno de 8.000 exemplares. Grande quantidade de obras literárias são anualmente fornecidas pelo MEC - Ministério da Educação e Cultura além de 1 revista didática ( Ciência Hoje) e 3

revistas pedagógicas mensais (Pátio- Nova Escola e Gestão Educacional), porém na área de Sociologia apenas dois livros didáticos foram distribuídos, um em 2014 e outro em 2015, sendo que o livro de 2014 trazia a Sociologia e a Filosofia juntas. Em 2015 o livro didático passou a ser exclusivamente de Sociologia, além de trazer também conteúdos de Antropologia e Ciências Políticas, o que configura um grande avanço em relação à disciplina.

A escola tem como objetivo maior atender os alunos de maneira a compreender suas necessidades, por isso mesmo prioriza a relação com pais e professores, aproximando a escola e conteúdos de sua realidade, porém não visa aprovação em concursos como vestibular e ENEM, o que de certa forma, prejudica os alunos que tem interesse em cursar o Ensino Superior.

Pode-se verificar altos índices de evasão escolar, além da falta de interesse dos alunos nas aulas de uma maneira geral. Normalmente as listas de chamada tem em torno de quarenta alunos, porém em sala de aula, efetivamente, apenas metade deste número está presente, tema que necessitaria de pesquisa específica.

A Oficina de Fanzine estava prevista para realizar-se em horário inverso ao da aula, porém a escola teve dificuldades estruturais e os alunos não receberam muito bem a ideia de ir à escola em outro turno que não o da aula. Vale ressaltar que alunos e professores estavam voltando de uma série de paralizações, o que de certa forma, desestabilizou o ano letivo.

Respeitando o momento crítico pelo qual a escola estava passando, decidimos, eu, diretoria e o professor de Sociologia, que seria mais viável realizar a atividade durante as aulas, que ocorriam nas quartas-feiras das 10:54hs até as 12:00, pois o professor de Sociologia e Filosofia é o mesmo e suas aulas acontecem na sequência.

O trabalho foi dividido em três encontros com a pretensão de desenvolver nos alunos suas capacidades de ler e relacionar imagem e texto, além de avaliar suas competências relativas à produção textual, resenhas e texto de opinião, envolvidos na produção de um fanzine.

Para que o trabalho fosse realizado, necessitou-se de papel sulfite tamanho A4, cola, canetas variadas, tesoura, revistas, régua e grampeador. Todos os recursos necessários foram levados para a sala de aula e distribuídos aos alunos por mim.

Mesmo a atividade sendo realizada no horário da aula optei por não obrigar os alunos a realizá-la. Então a turma foi dividida em dois grupos: Aqueles que queriam produzir o fanzine e aqueles que não queriam.

Para o grupo que não se interessou pela atividade da confecção dos fanzines, sugeri a resolução de questões do livro didático que trabalhavam com o mesmo tema dos fanzines. Apenas duas alunas não quiseram confeccionar o Fanzine.

Para o grupo dos “zineiros”:

Ao alunos foram divididos em quatro grupos de acordo com a escolha deles, ou seja, por afinidades.

Atividade 1: Produzir um texto contendo de 10 a 20 linhas baseado nas perguntas:

- Você sabe o que é cultura?
- Você sabe o que é etnocentrismo?
- Você acha que existe preconceito na nossa sociedade? Por quê?
- Como podemos combater esse preconceito?

Além do texto os alunos deveriam escolher um nome para o grupo, que seria também o nome do Fanzine.

Houve grande euforia, muitas vezes atrapalhando a execução da atividade. Os alunos apresentaram, na sua grande maioria muita dificuldade em produzir o texto, o que ocasionou um certo atraso no cronograma inicial.

Dois grupos, não conseguiram iniciar o texto, pois sua atenção estava mais voltada para o nome do Fanzine do que para o conteúdo principal.

Os alunos são jovens, a maioria tem entre catorze e dezesseis anos e ainda possuem muita dificuldade em se organizar e refletir sobre os assuntos trabalhados. Foi

necessário que eu retomasse alguns conceitos, que a princípio já teriam sido trabalhados em aula pelo professor, como o conceito de Etnocentrismo, por exemplo.

Ao final da aula recolhi os textos e fiz uma prévia do nosso segundo encontro.

O segundo encontro aconteceu no dia 28 de outubro de 2015 e pretendia a preparação das folhas para diagramação do Fanzine, transferência do texto escrito para o fanzine e seleção de imagens. Para acelerar um pouco o processo e não onerar os grupos que já haviam concluído a primeira atividade, fiz a distribuição das folhas A4 e das revistas e recortes. Para os grupos que ainda não haviam produzido o texto, foi necessário uma atenção especial, lembrando conceitos e muitas vezes dando dicas na produção, mesmo assim, não obtiveram o resultado de vinte linhas escritas, de acordo com a proposta inicial.

Os alunos puderam optar entre dois modelos de fanzine. Um menor com dezesseis páginas e outro maior (tamanho meio ofício) com oito páginas. Todos os grupos optaram pelo tamanho maior.

Os alunos fizeram margens nas páginas para delimitar o espaço de texto e colagens e numeraram as páginas.

Dois grupos iniciaram o processo de colagens e transferência do texto para o fanzine, porém os outros dois grupos estavam com muita dificuldade de organização, o que os fez perder muito tempo na execução da atividade.

Mais uma vez retomei alguns conceitos e coloquei no quadro negro alguns fragmentos de textos para que pudessem ser copiados nos fanzines, atentando para a parte mais conceitual da nossa atividade.

O tema central trabalhado foi Cultura, porém naturalmente, cada grupo apresentou foco em um tema específico dentro da cultura. Os grupos trabalharam em torno de temas como: preconceito étnico, preconceito de gênero, diversidade sexual e preconceito de classe ou econômico.

Alguns grupos ainda estavam com dificuldades nas escolhas do nome e continuavam ignorando o andamento da aula. Perderam mais uma vez, muito tempo tentando decidir o nome, com brincadeiras e conversas.

Todo o material utilizado, cola, tesoura, folhas e revistas foi levado por mim para a sala de aula, desta forma reduzi o risco dos alunos não realizarem a atividade por falta de material, pois ouvi de muitos este tipo de “queixa” no nosso primeiro encontro.

No final do encontro recolhi os trabalhos, cada grupo em uma pasta, pois alguns já haviam selecionado recortes. Desta maneira no terceiro encontro seria mais fácil dar continuidade aos trabalhos.

Muitos alunos saíram da sala durante a atividade, pelos mais diversos motivos. Tomas água, ir ao banheiro, falar com um professor. O fato de transitarem pelos corredores acabou incomodando outros professores, mas além disso, emergiu uma preocupação de minha parte com a questão do interesse deles em relação a atividade proposta.

Nosso terceiro e último encontro realizou-se em uma quarta-feira chuvosa no dia 04 de novembro de 2015, talvez esse tenha sido um dos motivos para que tantos alunos não tenham ido à aula. A turma estava consideravelmente menor, porém a euforia não diminuiu.

Alguns alunos foram para a sala dos professores, onde o professor realizou com eles outra atividade, ficaram na sala apenas aqueles que realmente queriam terminar o fanzine.

Devolvi aos grupos seus trabalhos já iniciados no último encontro e repassei algumas questões em relação à diagramação do fanzine. Passei novamente no quadro negro os fragmentos de texto, lembrando os conceitos.

O tempo foi nosso grande inimigo, os dois grupos menos adiantados não conseguiram terminar de forma satisfatória seus fanzines. O texto produzido ficou muito pequeno dificultando o preenchimento de espaços e a manifestação de uma ideia concisa.

Os dois grupos mais adiantados, conseguiram terminar seus fanzines, porém reclamaram da falta de tempo. Os alunos gostariam de ter colocado mais coisas, mais figuras, refazer algumas partes que julgavam não estarem de acordo (esteticamente).

## Avaliação da Atividade

**Grupo 1. AUDÁCIA, CULTURA E DIVERSIDADE:** O grupo conseguiu produzir o texto que serviu de base para o fanzine, além de aproveitarem conceitos importantes da Antropologia. Tiveram muita preocupação estética, e trabalharam principalmente questões de gênero.

**Foto 1: (Fanzine Audácia, Cultura e Diversidade) capa**

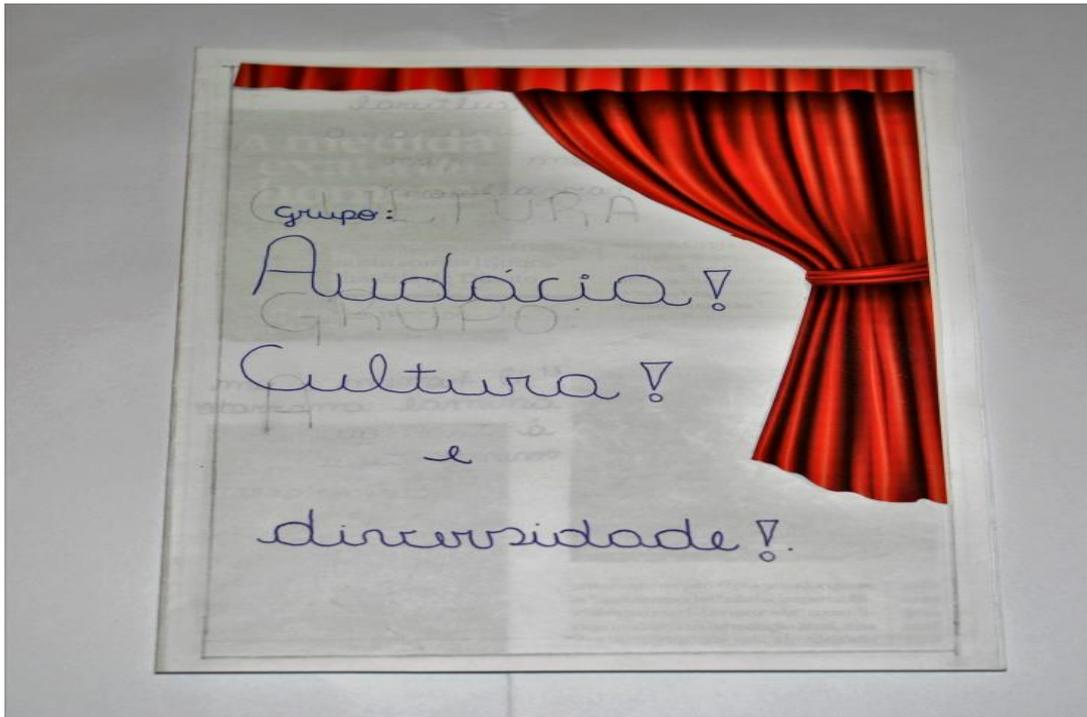


Foto 2: (Fanzine Audácia, Cultura e Diversidade) páginas 2 e 3

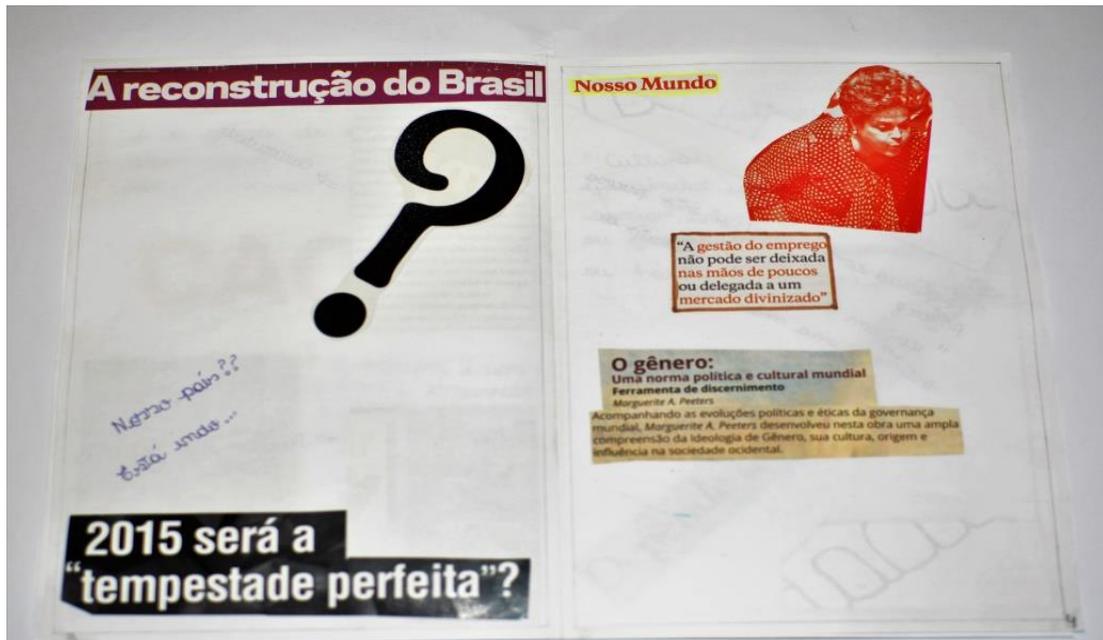


Foto 3: (Fanzine Audácia, Cultura e Diversidade) páginas 4 e 5

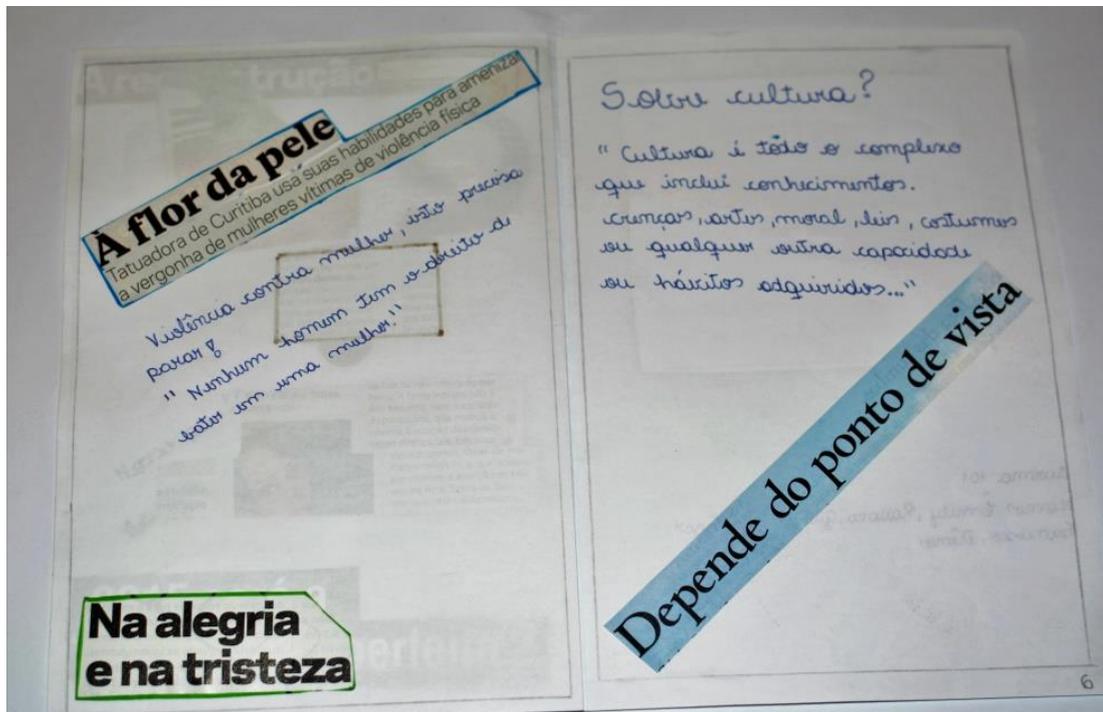


Foto 4: (Fanzine Audácia, Cultura e Diversidade) páginas 6 e 7

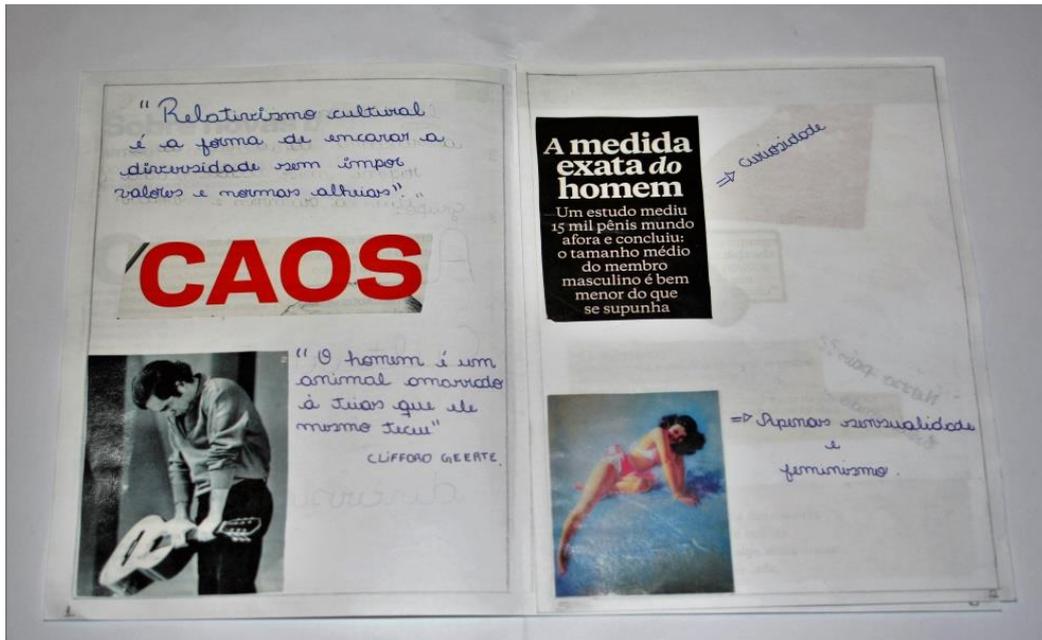
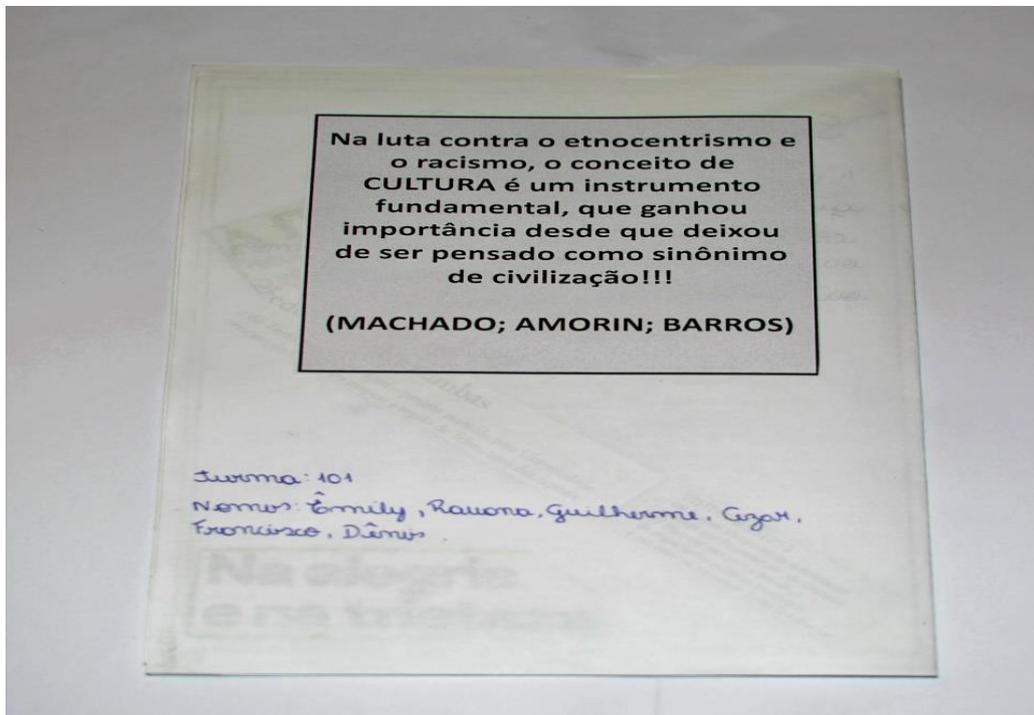


Foto 5: (Fanzine Audácia, Cultura e Diversidade) contracapa



**Grupo 2. OS SEM NOME:** O grupo teve dificuldades para produzir o texto inicial, porém conseguiram terminar a atividade. Escolheram imagens e texto focalizando a questão do preconceito étnico e de classes.

**Foto 6: (Fanzine Os Sem Nome) capa**



**Foto 7: (Fanzine Os Sem Nome) páginas 2 e 3**



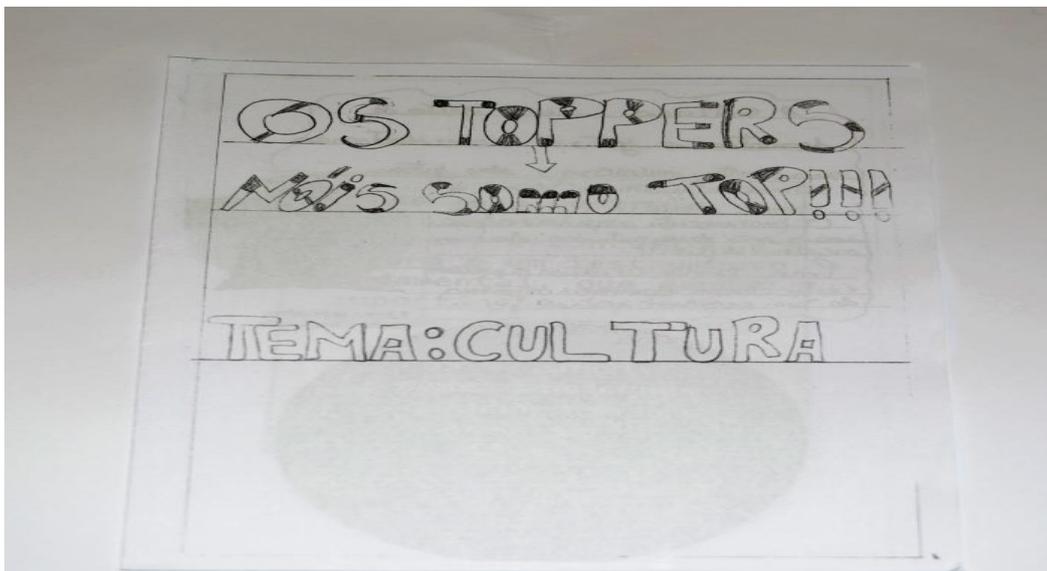


Foto 10: (Fanzine Os Sem Nome) contracapa

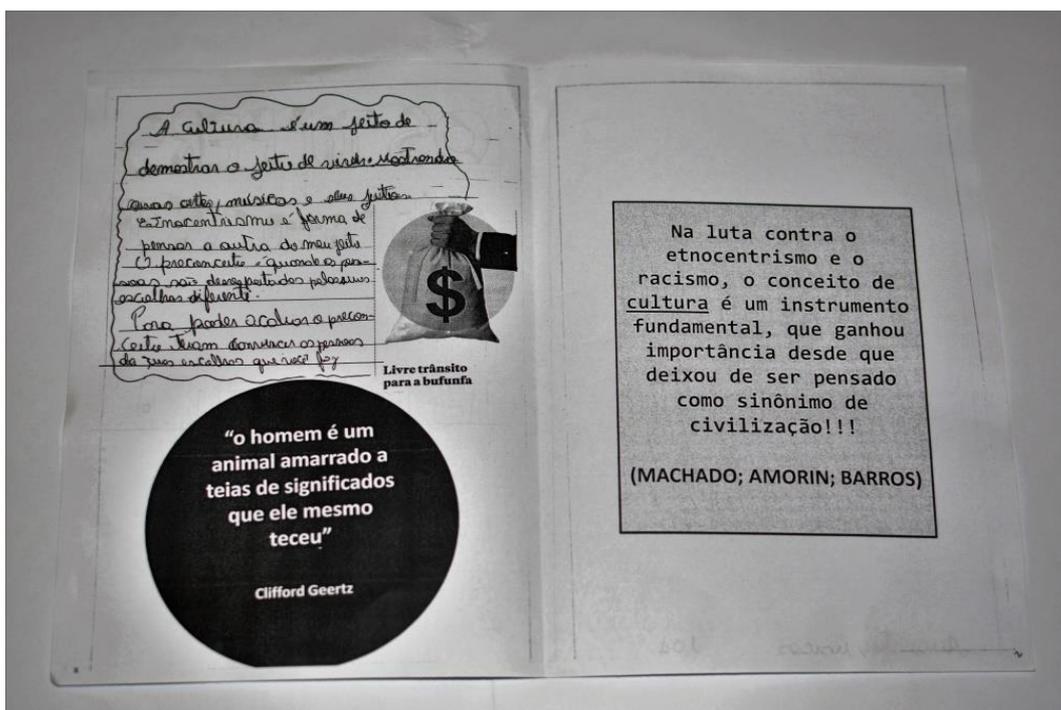


**Grupo 3: OS TOPPERS:** O grupo, composto apenas de dois alunos, apresentou muitas dificuldades para construir o texto inicial. Tiveram dúvidas quanto ao nome do Fanzine e não conseguiram selecionar a tempo imagens e escolher um tema específico.

**Foto 11: (Fanzine Os Toppers) capa**



**Foto 12: (Fanzine Os Toppers) páginas 1 e 2**



**Grupo 4. A POLÊMICA MAGIA:** Este grupo foi o maior, com sete componentes o que atrapalhou um pouco a organização. Produziram um texto pequeno, mesmo assim conseguiram terminar o fanzine. Preconceito de gênero e sexualidade foram assuntos tratados neste Zine.

**Foto 13: (Fanzine A Polêmica Magia) capa**



Foto 14: (Fanzine A Polêmica Magia) páginas 2 e 3

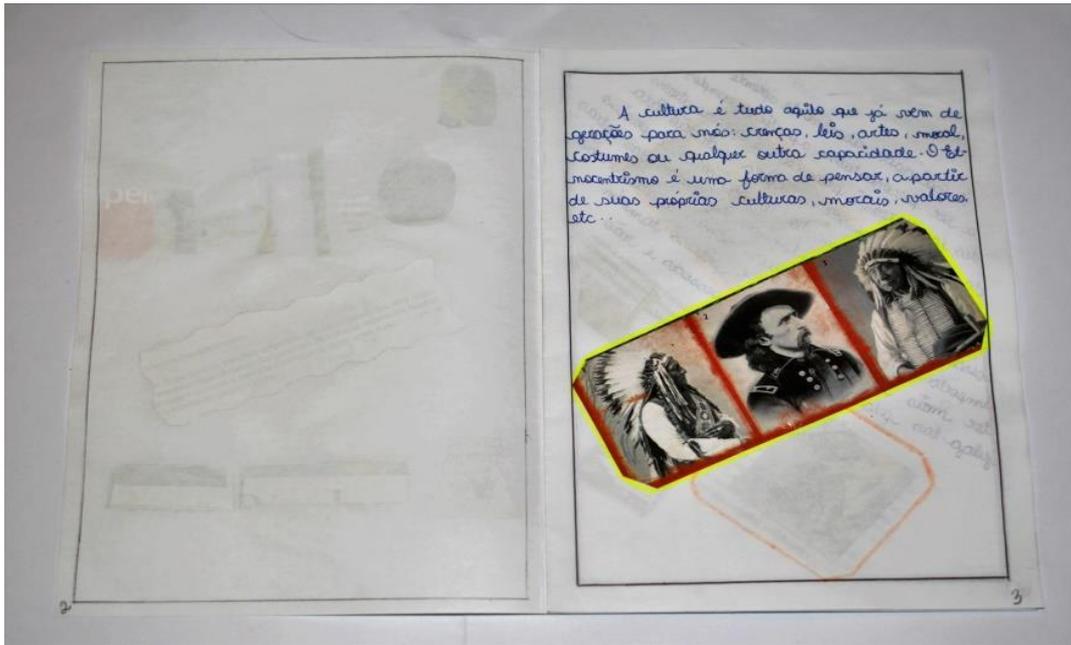
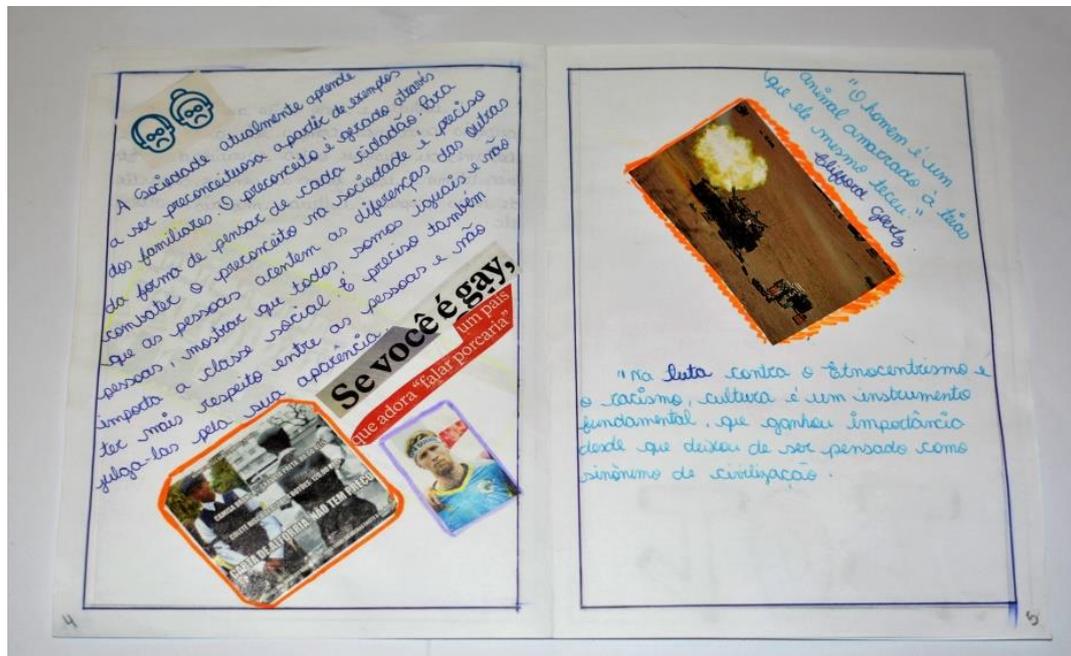
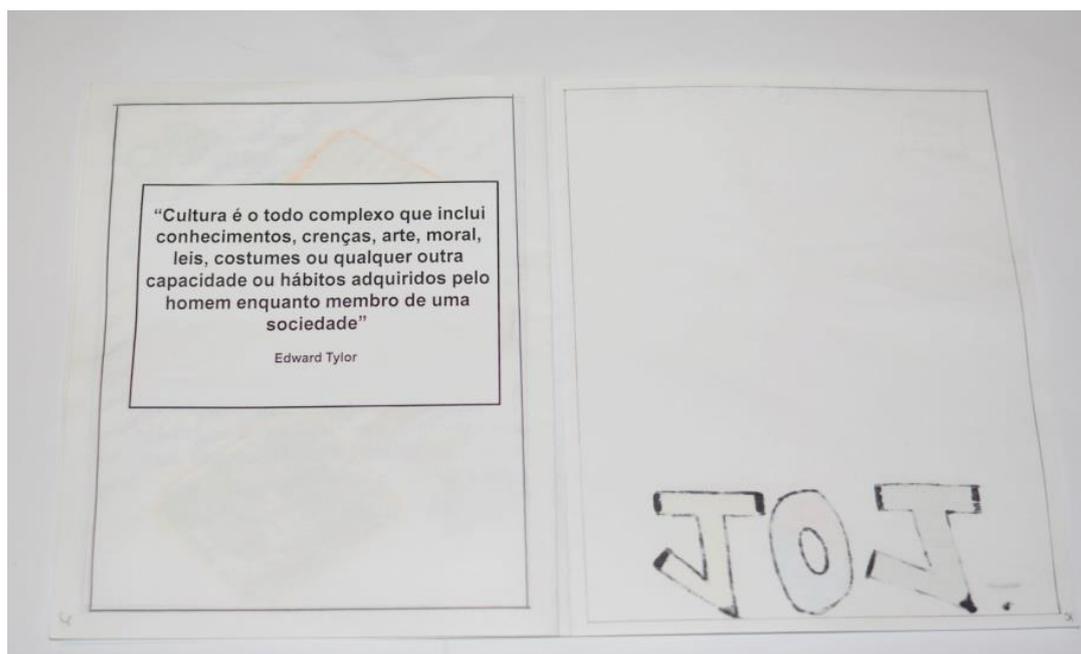


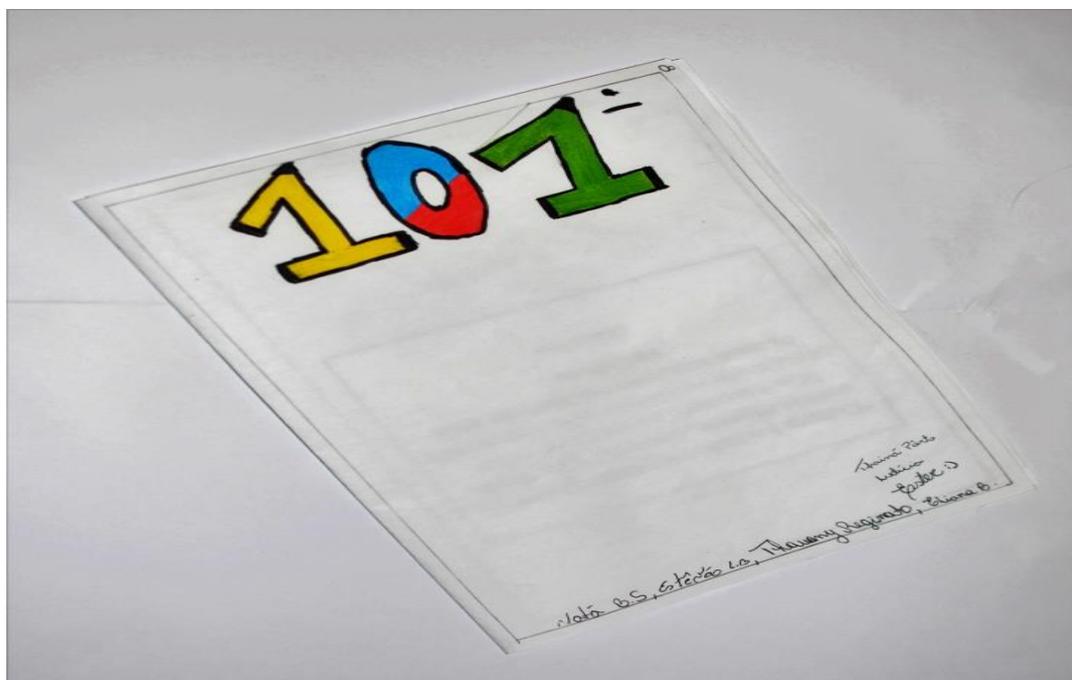
Foto 15: (Fanzine A Polêmica Magia) páginas 4 e 5



**Foto 16: (Fanzine A Polêmica Magia) páginas 6 e 7**



**Foto 17: (Fanzine A Polêmica Magia) contracapa**



## **Considerações finais**

A atividade dos fanzines foi desenvolvida com a turma 101, primeiro ano do ensino médio no turno da manhã. Os alunos tem entre 14 e 16 anos e a turma é sempre muito agitada. Tive muitos problemas em explicar o conteúdo e iniciar a atividade, pois a turma tem problemas de indisciplina, o que a tornou “famosa” na escola.

A primeira etapa, da construção do texto, foi a mais difícil para todos os grupos. Os alunos apresentaram muitas dificuldades em escrever textos com mais de cinco linhas. Outro ponto importante, é a questão da opinião. Os alunos, na grande maioria, apresentaram problemas em expor suas ideias em forma de texto.

A segunda parte da atividade, recortes e colagens foi mais tranquila, os alunos se divertiram muito, conversaram bastante, mas nada que atrapalhasse a atividade. Conseguiram se expressar melhor através das figuras.

A atividade foi concluída, porém o tempo se apresentou como grande inimigo. Como primeira experiência posso dizer que esta é uma atividade que necessitaria de pelo menos um trimestre inteiro de aulas semanais para ser efetivada com sucesso, além de ser proposta pelo mesmo professor que ministra as aulas de Sociologia, pois há muita incongruência entre os assuntos trabalhados pelo professor e o conhecimento dos alunos.

Apesar das dificuldades quanto ao tempo, materiais utilizados e agitação dos alunos, a confecção de fanzines mostrou-se grande aliada na construção do conhecimento em Ciências Sociais, auxiliando o processo de ensino/aprendizagem de maneira coletiva e divertida.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Eduardo de Moura; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. Prática de Leitura e Escrita: Oficina Zine

BONDÍA, Jorje Larossa. Experiência e Alteridade em Educação. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011

BRIDI, Maria Aparecida; ARAÚJO, Silvia Maria; MOTIM, Benilde Lenzi. Ensinar e aprender sociologia. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

ESTABLET, Roger; BAUDELLOT, Christiam. L'ecole Capitaliste em France. Paperback, 1971.

FRIGOTTO, Gaudencio. A produtividade da escola improdutiva. Cortez, 1999.

MAZZA, Débora. A história da Sociologia no Brasil contada pela ótica da Sociologia da Educação. In TURA, Maria de Lourdes (org.) Sociologia para Educadores. Rio de Janeiro: Quarlet, 2004.

PEREIRA, Luiza Helena. A luta dos sociólogos pela obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio. In O ensino de Sociologia no RS: repensando o lugar da Sociologia. Porto Alegre: LAVIECS, 2013.